

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE INDÍGENA
REGIÃO MATA ATLÂNTICA – TURMA II

OS PROBLEMAS RELACIONADOS AO USO DA *KAXMUK* ENTRE OS
MAXAKALI

RODRIGO VENÂNCIO DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Especialização em Saúde Indígena,
da Universidade Federal de São Paulo.
Orientador (a): Prof. (a) Rinaldo Arruda

SÃO PAULO
2017

OS PROBLEMAS RELACIONADOS AO USO DA *KAXMUK* ENTRE OS
MAXAKALI

RODRIGO VENÂNCIO DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Especialização em Saúde Indígena,
da Universidade Federal de São Paulo.
Orientador (a): Prof. (a) Rinaldo Arruda

SÃO PAULO
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ser meu guia e protetor frente às lutas diárias nessa caminhada da vida.

Aos meus pais, que sempre me inspiram a ser uma pessoa melhor, me ensinaram o significado do respeito e do quanto é importante ser grato.

Aos tutores e professores do curso, pela acolhida, orientações e troca.

Aos Maxakali, minha eterna consideração por cada momento vivido, pelo compartilhamento de afetos, angústias, alegrias e aprendizado diário.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo, apresentar sob o ponto de vista de Lideranças Indígenas Maxakali, elementos que contribuam para a compreensão de questões relacionadas aos problemas ocasionados pelo uso da cachaça/*kaxmuk* entre seus adolescentes, e a partir dessas informações, sugerir propostas de intervenções-ação que envolvam tanto os órgãos e instituições que atuam diretamente nos territórios Maxakali, quanto a Rede de Atenção Psicossocial. Para a análise das situações encontradas, utilizou-se o conceito de processos de alcoolização, que enfatiza a necessidade de se contextualizar o entendimento do uso de álcool nas diferenças individuais, na cultura, na história do indivíduo com a substância e no seu uso problemático ao longo da vida. Essas informações foram colhidas por meio de Grupos de Rodas de Conversas, realizados durante uma oficina e seus resultados apontam problemas para a própria pessoa, sua família e comunidade. Por fim, propõe alternativas para enfrentamento dos problemas levantados e salienta a necessidade da participação dos indígenas nesse processo de melhoria de sua condição de vida.

Palavras – chave: Processos de alcoolização, Grupos de Rodas de Conversas, Índios Maxakali.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present elements that contribute to the understanding of issues related to the problems caused by the use of cachaça/*kaxmuk* among its adolescents, from the point of view of Maxakali Indigenous Leaders, and to suggest proposals for interventions- Action that involve both the organs and institutions that work directly in the Maxakali territories, and the Psychosocial Attention Network. For the analysis of the situations encountered, the concept of alcoholization processes was used, which emphasizes the need to contextualize the understanding of alcohol use in individual differences, in culture, in the history of the individual with the substance and in their problematic use Throughout life. This information was collected through Conversation Wheels Groups, held during a workshop, and their results point to problems for the individual, his family, and his community. Finally, it proposes alternatives to address the problems raised and stresses the need for indigenous participation in this process of improving their living conditions.

Key words: Alcoholization processes, Conversation Wheels Groups, Maxakali Indians.

LISTA DE SIGLAS

ASG – Auxiliar de Serviços Gerais

AIS – Agente Indígena de Saúde

AISAN – Agente Indígena de Saneamento

DIASI – Divisão de Atenção à Saúde Indígena

DSEI/MGES – Distrito Sanitário Especial Indígena Minas Gerais e Espírito Santo

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

GRC – Grupo de Rodas de Conversa

LI-M – Liderança Indígena Maxakali

MS – Ministério da Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

RAPS – Rede de Atenção Psicossocial

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

SIASI – Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena

UBS – Unidade Básica de Saúde

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização dos Polos Base Maxakali, região nordeste de Minas Gerais.....	10
Figura 2: Infográfico resultante da análise temática.....	17
Figura 3: Desenho por Solimar Maxakali. (Quantidade).....	19
Figura 4: Desenho por Donizete Maxakali. (Violência contra esposa).....	19
Figura 5: Desenho por Roberto Maxakali. (Conselho para os filhos).....	20
Figura 6: Desenho por Roberto Maxakali. (Violência na família).....	21
Figura 7: Desenho por Lorival Maxakali. (Violência contra os animais).....	21
Figura 8: Desenho por Raimundo Maxakali. (Problemas no relacionamento).....	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
3. METODOLOGIA	15
4. RESULTADOS ENCONTRADOS.....	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

INTRODUÇÃO

Conforme levantamento da OMS, 2010; o consumo de bebidas alcoólicas ocupa o terceiro lugar entre os principais fatores de risco de morte prematura e incapacidades. É possível ainda se verificar que quase 4% das mortes em todo o mundo estão atribuídas ao álcool, o que representa um número maior do que as mortes causadas por HIV/AIDS, violências ou tuberculose. No ano de 2005 foi realizado no Brasil, o 2º Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas nas 108 maiores cidades do país, onde se constatou o álcool como a substância psicoativa mais consumida pela população. (Carlini, 2006)

Quando nos referimos especificamente às populações indígenas, Fernandes (2004) destaca um aspecto central da expansão europeia e uma lacuna na literatura científica em relação à introdução de bebidas de alto teor alcoólico – destilados – nas sociedades nativas, onde as formas do consumo de bebidas alcoólicas e de vivenciar a experiência do beber, quando ocorria, preferiam àquelas fermentadas; produzidas tradicionalmente por meio da manipulação dos microrganismos responsáveis pela fermentação.

Historiadores e antropólogos afirmam que a manipulação de ingredientes para a produção de bebidas fermentadas é uma tradição bastante antiga, e seu consumo normalmente ocorre em situações controladas, por meio de um modo de consumo ritualístico que expressa a integração cosmológica do grupo com o mundo. Para a produção dessas bebidas, as mulheres utilizavam como ingredientes: batata doce, mandioca, milho, mel, caju, dentre outros, que eram preparadas em cochos de madeira ou em grandes panelas de barro. (Fernandes, 2004) (Souza et al, 2006) (Langdon, 2013)

No que se refere ao uso das bebidas fermentadas, cronistas e viajantes europeus apontam que seu consumo tradicional não está somente ligado a atividades construtivas para o grupo social, mas também expressa sensações e valores particulares, uma vez que os indígenas aprendem a beber orientados por valores e comportamentos manifestados por seu grupo, atuando como facilitador dos transes xamanísticos, como “lubrificante” social e ainda como regulador das expressões de violência e inimizade. Por vezes, as situações de beberagem duravam dias, até que o estoque de bebidas se esgotasse. As

formas de se consumir tais bebidas se diferiam (e continuam a diferir) de um grupo para outro. (Fernandes, 2004) (Souza et al 2006) (Langdon, 2013)

Se historicamente o uso de bebidas alcoólicas contribuiu como “lubrificante” social para os povos indígenas, hoje, para muitos dos 305 povos indígenas brasileiros, os contextos e estilos do consumo mudaram e o comportamento atual, em grande parte não se explica pelas especificidades culturais, onde o controle e os limites socioculturais deixaram de existir. (Langdon, 2013) Os índios bebem outras substâncias e o fazem frequentemente em novos contextos sociais trazendo consequências negativas para as comunidades, na forma de violência geral e familiar, desnutrição, danos à saúde de crianças e mulheres, suicídio, atropelamentos nas estradas, mortes por insolação, etc. (Pena, 2013) (Souza et al, 2006) (Rubinger,1980) (Ribeiro, 2008)

Para a análise das situações encontradas neste trabalho, será utilizado o conceito definido por Menendez (1982), de processos de alcoolização, constituindo-se como um conjunto de funções e consequências positivas e negativas relacionadas ao uso de álcool em conjuntos sociais estratificados, e não apenas o estudo dos alcoólicos dependentes, excessivos e moderados, compreendendo dessa forma, o processo que inclui o aspecto biopsicossocial, evitando reduzir o problema somente em termos de saúde e/ou enfermidade mental, possibilitando o entendimento do significado que o beber pode assumir em uma dada cultura, independentemente de ser problemático ou não, o que viabiliza o acesso às regras e normas que regem o uso do álcool, além da perspectiva da transgressão. Este conceito agrega, de forma clara, a necessidade de se contextualizar o entendimento do uso de álcool nas diferenças individuais, na cultura, na história do indivíduo com a substância e no seu uso problemático ao longo da vida.

Menendez (1982), Souza (2006) e Souza (2013), apontam como desafio, conhecer as causas e motivações dos processos sociohistóricos de alcoolização, cujo foco é direcionado para os discursos e o consumo do álcool do ponto de vista dos próprios autores.

O povo Maxakali

Tikmu'un é o termo formado “pela junção da palavra *tihik*/homem abreviada para *tik* mais *mu'un* que possui o sentido de grupo com o sujeito incluído – nós.” (Álvares, 1992, p. 117). Constitui-se ainda, como o termo nativo utilizado para

autodesignação de todos os grupos locais que compõem as aldeias e representam os Maxakali (Álvares, 1992), que se reuniram para resistir aos ataques de seus tradicionais inimigos e dos não-índios nas cabeceiras do rio Umburanas, no início do século XX (Ribeiro, 2008)

Tendo em vista essa perspectiva sócio-histórica e étnica, os *Tikmu'un*, são reconhecidos atualmente pelo Estado brasileiro pelo etnônimo Maxakali, que caracteriza o conjunto dos povos Makoni, Monoxó, Kapoxó, Malali, Maxakali, Cumanaxó, Panhame - com suas famílias falantes da língua Maxakali, seus respectivos cantos e *Yãmiyxop*/rituais celebrados nas suas *Kuxex*/Casas de Religião¹. (Marcato, 1980) (Ribeiro, 2008)

Atualmente, o povo Maxakali se constitui na segunda maior população indígena aldeada do Estado de Minas Gerais, com aproximadamente 2.149 pessoas (SIASI/SESAI/MS, 2017). O território abrange as terras indígenas de Água Boa (município de Santa Helena de Minas/MG), Pradinho (município de Bertópolis/MG), localizadas no Nordeste de Minas Gerais, na fronteira com o Estado da Bahia, com extensão territorial de 5.305,67 hectares e estão ligadas, formando uma só terra indígena. Existem ainda, outras duas Terras Indígenas Maxakali pertencentes ao DSEI/MGES (com sede em Governador Valadares), localizadas nos municípios de Ladainha e Teófilo Otoni; somam-se mais 500 hectares em cada um desses territórios.

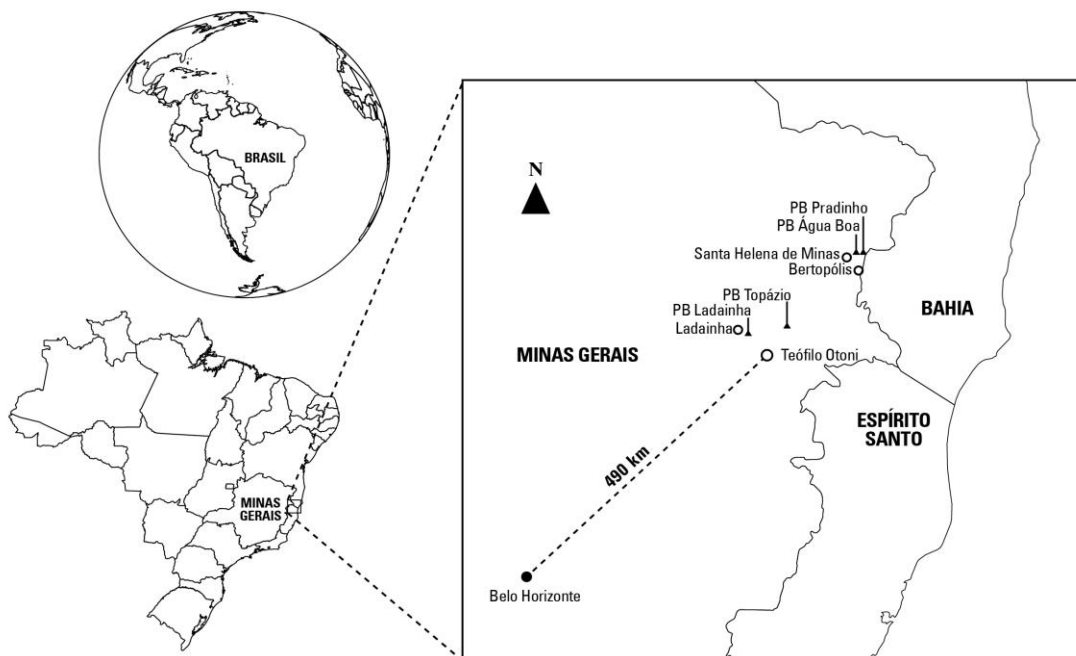
A população dos Maxakali está distribuída em pequenas aldeias dentro dos polos-base, determinadas conforme sua organização geo-político-social. Dados fornecidos pela coordenação da DIASI, por meio de relatórios do SIASI extraídos em junho de 2017, informam que o Polo Base Água Boa, conta com 801 indígenas, distribuídos em 13 aldeias, ãmãxux (Amantchui), Badé, Gilmar, Iara, Joviel, Kokit, Major, Marcelo, Maria Diva/(Nova Raízes), Mariazinha, Tomé, Valdemar e Zé Pirão, com um total de 164 famílias. (SIASI/SESAI/MS, 2017)

¹ **Kuxex** ou “casa de religião” é um espaço exclusivo dos homens, uma vez que eles são tidos como os senhores do sagrado, sendo eles que entoam os cantos em uníssono e preparam os meninos mais jovens para encarnar o *yamiyxop*. A *kuxex* possui três paredes, sendo que a parte de trás permanece aberta e os lados voltados para o centro e as lateralidades da aldeia permanecem fechados com o objetivo de impedir que os meninos não iniciados e as mulheres de vejam as atividades do culto secreto (Ribeiro, 2008 e Popovich, 1980).

Com relação ao Polo Base Pradinho, é possível verificar uma população total de 908 indígenas, distribuídos em 186 famílias, pertencentes a oito aldeias, quais sejam: Boa Vida, Cachoeira, Maravilha, Nova, Novila, Nova Boa, Vila Nova e Vila Vila. (SIASI/SESAI/MS, 2017)

No Polo Base Ladainha, são 410 indivíduos distribuídos em seis aldeias (Delcida, Erismar Maxakali, Jupira, Noêmia, Pinheiro e Juraci), com um total de 85 famílias; já em Topázio, residem 30 pessoas, distribuídas em oito famílias, todas na aldeia Cachoeirinha. Com relação à faixa etária, há uma predominância de crianças e adolescentes, sendo que 20,75% (446 indivíduos) possuem entre zero a quatro anos; 19,63% (422) estão entre cinco a nove anos e 16,10% (346) de 10 a 14 anos. Os jovens entre 15 e 19 anos somam 10,98% (236), enquanto os adultos de 20 a 59 anos perfazem 30,38% dos Maxakali (653). Os idosos de 60 anos ou mais são 2,14% (46) da população. (SIASI/SESAI/MS, 2017)

Figura 1. Localização dos Polos Base Maxakali, região nordeste de Minas Gerais.



Fonte: Extraído da Campanha Internacional pela Regularização do Território Maxakali, 1996 (Funai).

Nos quatro territórios indígenas Maxakali, atuam equipes formadas por médicos, enfermeiros, dentistas, técnicos de enfermagem, auxiliar de serviços gerais, motoristas, agentes indígenas de saúde e agentes indígenas de saneamento que prestam assistência diária a essa população. (SIASI/SESAI/MS, 2017)

Para suporte administrativo e apoio matricial, essas equipes contam com os Polos Base Tipo II – Machacalis e Teófilo Otoni, compostos por enfermeiros, técnicos de enfermagem, auxiliar de enfermagem, serviços gerais, cozinheira, motoristas, farmacêutico, psicólogos, nutricionista, assistentes sociais, guardas de endemias e auxiliares administrativos. As demandas para especialidades são encaminhadas para os municípios de Machacalis, Águas Formosas, Teófilo Otoni, Governador Valadares ou ainda, para Belo Horizonte. (SIASI/SESAI/MS, 2017)

Em relação à formação das aldeias Maxakali, não existe uma regra geral e sim uma tendência de aldeamento entre eles. (Álvares, 1992) (Popovich, 1980) A sociabilidade e as configurações das suas aldeias são descritas, por meio de suas diferentes formas históricas de agrupamento no espaço e no tempo, sobretudo devido ao confinamento nas terras indígenas, assim como, através das relações políticas e dos papéis sociais dos indivíduos e dos grupos de parentesco. (Rubinger, 1980) (Ribeiro, 2008) (Álvares, 1992) (Popovich, 1980)

A exemplo de outros territórios indígenas, do DSEI/MGES, o contato com a população não indígena tem influenciado de forma direta no modo de vida e na relação social dos Maxakali. Todas as famílias recebem benefícios sociais ou tem entrada de renda por meio de salários (contratados pela saúde ou educação), porém, a entrada de renda na família não tem relação com a garantia de disponibilidade de alimentos.

O processo histórico que conduziu à conformação dos Maxakali contemporâneos e as formas de aldeamento impostas, impactaram substancialmente a sociabilidade desta população. Um comportamento a ser destacado é a significativa mobilidade de famílias que pode ser interpretada em função da extrema fluidez das alianças e dos inter-casamentos. Os conflitos, em grande parte violentos, provocam a separação entre famílias e parecem se posicionar para além do controle das regras terrestres. Os parentes afins consanguinizados podem, a qualquer momento, transformar-se em inimigos. (Álvares, 1992)

Para Popovich (1980), entre o transcorrer da segunda e quarta década do século XX, os Maxakali foram forçados a redefinir a fragmentação da sua estrutura social. As florestas desapareceram e com elas, a caça. Eles foram expulsos a tiros por violação de propriedades a qual sempre consideraram como sua. Cerca de 75% da população foi dizimada por epidemias, além disso, segundo Ribeiro (2008), o grupo teve pouco tempo para se adaptar ao ataque violento de uma sociedade industrializada e expansionista.

Nimuendajú em 1958 relatou que dois terços do território dos índios lavradores e caçadores, que antes foram declarados como cobertos de mata ininterrupta, tinham sido transformados pelos intrusos, em extensas pastagens de capim colônio, que em sua maior parte, não havia uma única cabeça de gado.

Frente à invasão de seu território pelas frentes de expansão e ainda, com a fixação definitiva destas, os Maxakali viram-se restritos aos limites da terra indígena, tendo seus meios originais de subsistência destruídos. Álvares (1992) salienta que os seus territórios de caça e coleta foram "drasticamente reduzidos e praticamente devastados, estas duas atividades se tornaram esporádicas e eventuais, principalmente a caça".

Ribeiro (2008) assinala quanto a dificuldade crônica de uma parcela significativa da população Maxakali em ter o acesso constante a uma ou mais fontes de proteínas. Segundo o autor, tal carência se deve ao fato de que menos de 80% da cobertura florestal original da Terra Indígena Maxakali foi devastada, havendo nos dias atuais, apenas capim em seu lugar. Afirma ainda que,

“Quanto à pesca, o pequeno volume dos rios (e de peixe nos mesmos) não permite uma exploração expressiva da atividade. Eventualmente são organizadas expedições fora da Terra Indígena, em trechos onde o rio Umburanas torna-se mais caudaloso e com maior quantidade de peixes” (RIBEIRO, 2008, p. 15).

Apesar de estarem em contato contínuo com a civilização externa há mais de 260 anos, os Maxakali, ainda mantém sua estrutura social, cultura e língua vivas. No entanto, acarretado por todo esse período de contato, muito da cultura externa foi introduzida em seu contexto sociocultural, mas não o suficiente para comprometer sua identidade étnica. (Tugny, 2007) Devido ao processo de colonização e ocupação do territorial nacional, os grupos indígenas foram drasticamente reduzidos por várias

formas de extermínio (Guimarães e Grubits, 2007) e certamente, uma destas formas foi a introdução de bebidas de alto teor alcoólico, que está diretamente relacionada com o processo de “pacificação” e a situação atual do índio frente à sociedade envolvente, uma vez que é indiscutível o uso das bebidas como instrumentos de dominação desses povos. (Langdon, 2001)

Frente a esse contexto, os Maxakali enfrentam um grave problema de saúde pública: o uso abusivo de bebidas alcoólicas. Conforme relata Assis (2009), o uso de álcool constitui-se em um importante fator de impacto no coeficiente de mortalidade infantil. O autor aponta que, além dos danos causados à saúde, o consumo de álcool está associado a outros fatores que têm dizimado a população, como a miséria, desnutrição e, sobretudo, a violência, que resulta em graves lesões e ainda, homicídios. (Langdon, 2001)

Maximiliano e Garnelo (2006) vão de encontro a necessidade de se atentar para o diálogo entre a realidade sociocultural e os comportamentos de uso do álcool e destacam a fundamental importância de se reconhecer a diversidade sociocultural que cerca o uso de álcool, cuja aceitação ou reprovação varia conforme a história e a organização de cada sociedade. Em estudos que perpassam o tema, podem ser descobertos fenômenos que só existem em uma determinada cultura e são inteiramente desconhecidos, visto que refletem diretamente na noção de saúde e doença, bem como na forma que este processo é entendido pelos indivíduos e seus fenômenos (Verdugo, 2005)

OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Geral

Compreender sob o ponto de vista nativo, as percepções sociais de Lideranças Indígenas Maxakali (LI-M) acerca do uso da cachaça/*Kaxmuk* entre seus adolescentes e por meio da análise dessas percepções, contribuir para a elaboração de propostas de intervenções-ação que fortaleçam o trabalho dos profissionais da atenção primária nas aldeias e da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), com vistas à redução de danos do uso abusivo de bebida de alto teor alcoólico entre os adolescentes.

Específicos

1. Analisar as informações obtidas por meio da realização de rodas de conversa durante uma oficina em que participaram LI-M, atuando como informantes-chaves;
2. Interpretar as percepções sociais do povo indígena Maxakali acerca do uso do álcool, contemplando os problemas decorrentes desse uso;
3. Articular os conhecimentos etnoepidemiológicos para construção de possíveis intervenções-ação sobre a temática junto aos profissionais que atuam na atenção à saúde.

MÉTODOS

A pergunta disparadora dos processos argumentativos deste trabalho, que possui cunho qualitativo, constitui-se em buscar informações sobre “Como os Maxakali percebem o uso da *Kaxmuk* e suas relações entre o uso e os comportamentos problemáticos de quem faz este uso?” Para responder a pergunta, preocupou-se com os processos de alcoolização conforme atenta Menéndez (1982).

Para tanto, as informações propostas para responder a essa pergunta, foram colhidas dentro de uma atividade denominada: Oficina de “Educação e saúde mental nas aldeias”, realizada por meio da parceria entre a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), no âmbito do Distrito Sanitário Especial Indígena de Minas Gerais e Espírito Santo (DSEI/MGES) e da Coordenadoria Estadual de Saúde Indígena da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais.

A metodologia desta Oficina foi elaborada de forma participante com as Lideranças Indígenas dos quatro Polos Base Maxakali e seu projeto redigido por uma equipe interdisciplinar (psicólogos, comunicólogos, assistentes sociais, dentistas e enfermeiros).

A estratégia metodológica para atender o objetivo foi: Grupos de Rodas de Conversas (GRC) (Warschauer, 2004) com LI-M cuja finalidade foi abordar o uso de álcool entre adolescentes no nível individual, familiar e comunitário.

GRC é, no âmbito da pesquisa narrativa, uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, uma técnica que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo. (Warschauer, 2004)

A estratégia de amostragem utilizada foi intencional ou proposital, em que os sujeitos que fazem parte do estudo são selecionados entre aqueles que podem contribuir com informações substanciais sobre o tema em discussão. (Turato, 2003)

Participaram 40 Maxakali dos quatro polos base (Água Boa, Pradinho, Ladainha e Topázio). Os critérios para seleção constituíram-se em: representar os quatro polos

base Maxakali, ser adulto, de ambos os gêneros, possuir cargo de lideranças indígenas em suas aldeias como: pajé, professor, professor de cultura, Agente Indígena de Saúde (AIS), Agente Indígena de Saneamento (AISAN), conselheiros locais e distritais de saúde e Auxiliares de Serviços Gerais (ASG) das Unidades Básicas de Saúde (UBS).

Para a construção das situações e comportamentos tidos como problema, conforme propõe este trabalho, a pergunta central foi decomposta em cinco eixos conforme preconizam Souza e Garnelo (2006). Segundo esses autores, dentro do processo investigativo nas abordagens qualitativas, pode-se construir a categoria “beber problema” a partir da ótica nativa orientando-se pelos seguintes eixos: 1- uso em situações tidas como inadequadas (fora das festas e dos trabalhos coletivos); 2 - consumo de substâncias vistas como impróprias (álcool de farmácia, desodorante, perfume, por exemplo); 3 - apresentar comportamento disruptivo quando alcoolizado (tornar-se violento, não se lembrar do que fez, não controlar a forma de beber); 4 - ter consequências adversas do beber (problemas de saúde no indivíduo e na família, dificuldade para trabalhar, gastar mais do que o desejado); 5 - beber de tal forma que seja um mau exemplo para os outros (filhos ou outros membros da família, aldeia e comunidade).

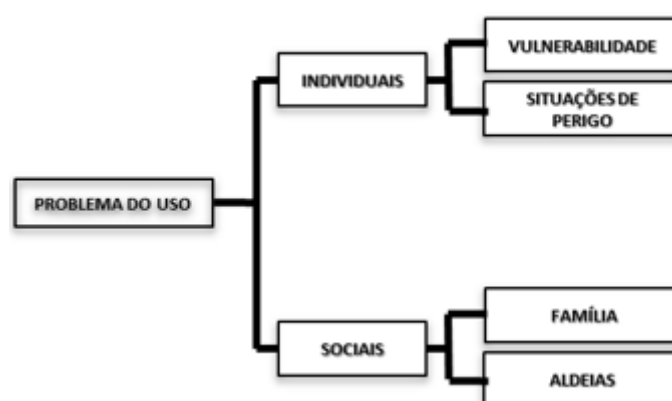
Para a construção da percepção social, os dados/falas foram analisados tematicamente por uma dupla de pesquisadores, (Boyatzis, 1998) os textos codificados e então comparados e combinando os códigos, igualando as discrepâncias e ajustando-as em consenso, tendo como referência os cartazes produzidos durante a Oficina. Definiu-se ainda, por combinar a prática do desenho a essa técnica.

RESULTADOS ENCONTRADOS

PROBLEMAS COM O USO DA KAXMUK

A partir da análise das narrativas trazidas pelos Maxakali durante a oficina, foi possível estabelecer uma compreensão e categorização acerca dos problemas gerados pelo uso da *Kaxmuk*, tanto no nível individual, quanto na esfera social, conforme demonstra a figura abaixo:

Figura 2: Infográfico resultante da análise temática.



PROBLEMAS DO USO DA KAXMUK

A alteração de consciência provocada pelo álcool pode levar ao estado-*inmõxã*. *Inmõxã* um dos espíritos da cosmologia Maxakali, estaria fora do grupo dos espíritos – *yãmiyxop* – ligados à “humanidade” - *Tikmũ'ũn* - e aos animais. Considerado um espírito ruim seria por vezes associado à cachaça e, por conseguinte, ao homem branco, seu produtor. Um espírito que habita a escuridão e pode, dominar o corpo e ações do *paptux ûgãy* provocando guerra e morte, geralmente, dos parentes mais próximos. (Ribeiro, 2008)

A alteração de consciência derivada do uso de substâncias alcoólicas produz efeitos diversos na comunidade que atribuiu termos êmicos como “*paptux ûgãy*”. *Paptux* (embriagado) um Maxakali pode se tornar *ûgãy* (furioso). Dificilmente o *paptux ûgãy* se voltará contra vizinhos e amigos, pois se o fizer poderia provocar uma guerra entre os membros de sua aldeia e, possivelmente com os parentes do vizinho ofendido moradores de outras aldeias. Assim como é percebido em outros espaços, a violência é perpetrada contra o núcleo familiar mais próximo. (Ribeiro, 2008) (Tugny, 2007)

PROBLEMAS INDIVIDUAIS: VULNERABILIDADE E NEGLIGÊNCIAS DE QUEM BEBE

Este adolescente já estava bêbado, passou a noite caído no chão. Aí ele levantou procurando kaxmuk dele, mas não achou porque bebeu tudo. Ele respondeu que não viu nada o que fez, mas não vai fazer mais, vai ficar mãy.

Tihik adolescente só bebe nos dias que tem movimento na aldeia. Mas tem estudantes adolescentes Maxakali, que não estão na escola, eles estão bebendo kaxmuk dentro da aldeia.

Tem adolescente que já é pai e faz assim: ele fala com família: “Eu vou ali na cidade fazer compra.” Ele foi e não voltou foi direto para cidade comprar e beber kaxmuk. Só que ele não fez compra. Aí no outro dia ele volta paptux para a casa dele, sem a feira, fica sem comida e aí, continua a beber.

Mas quando bebe muito o Maxakali não tem medo de escuro, de espírito, animais, buraco e sol da manhã; não tem medo de brigar e fica conversando muito, fala demais.

O adolescente quando bebe, somente chora e chora porque vê o mundo rodar com ele, tem medo do mundo afundar com ele. Como ele toma muita kaxmuk, ele fica bêbado, aí ele cai; quando levanta no outro dia fica procurando kaxmuk dele, mas não acha porque bebeu tudo.

De vez em quando durante as festas, tem adolescente que toma kaxmuk. Se ele toma bebida nas festas, no outro dia de manhã, não bebe, fica quietinho fica com preguiça. Não são todos que procuram violência, só que ele sempre passa mal, aí no outro dia vai ficar de ressaca.

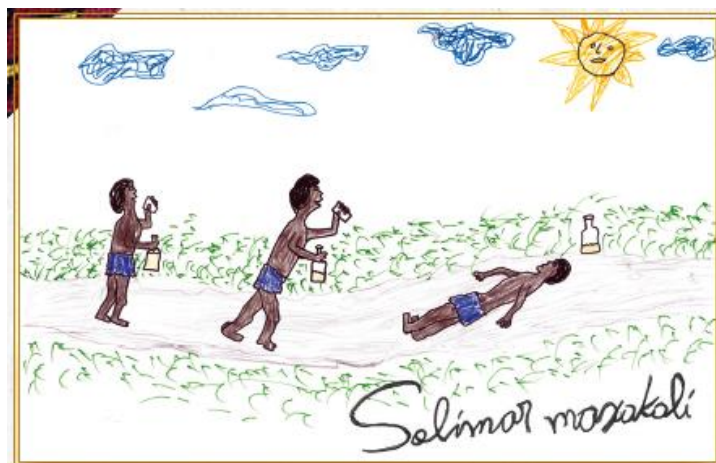
O adolescente bebe, mas não procura violência e poucos bebem para dar problema. Mas se bebe o corpo não aguenta e cai.

PROBLEMAS INDIVIDUAIS: SITUAÇÕES DE PERIGO DE QUEM BEBE

Adolescente bebe muita quantidade, fica tonto com 2 copos e meio de cachaça. Aí depois cai né, não aguenta mais. Acaba deixando a cachaça no mato, mas esqueceu onde deixou porque bebeu. Tem uns que ficam loucos, com cabeça ruim. Quando

bebem, fazem coisas ruins, bota fogo na aldeia, aí não veem o que fizeram no dia seguinte. Hoje adolescente com 13 anos bebe cachaça e fica pensando problema, coisa errada.

Figura 3: Desenho por Solimar Maxakali. (Quantidade)



Se adolescente bebe muito, atrapalha a aldeia e acaba atrapalhando a comunidade. Tem adolescente que não bebe nada, mas quando bebe, é rápido para brigar com os amigos.

PROBLEMAS SOCIAIS: NA FAMÍLIA DE QUEM BEBE

Os problemas na família acontecem por causa do uso da bebida que os próprios pais ensinaram aos filhos a beberem; assim, depois, os adolescentes chegam em casa paptux e brigam com os próprios pais que ensinaram.

Figura 4: Desenho por Donizete Maxakali. (Violência contra esposa)



Quando os adolescentes bebem muito, eles atrapalham quem mora junto na casa. Eles ficam paptux igual aos pais deles, ficam falando coisa errada e eles já brigam, porque cachaça acaba com a inteligência deles.

Aí começa a brigar com a família porque ele ainda está paptux; e com medo, a família foge para o mato. Quando melhora, o pai manda a mãe xingar (dar conselho). A mãe dá conselho: “Você está aprontando! Quase que você mata seu pai! Seu pai está aqui, pode bater nele agora se você tem coragem!”

Figura 5: Desenho por Roberto Maxakali (Conselho para os filhos)



Tem outro tihik que não bebe nada, mas quando bebe, é rápido para brigar com a família, amigos.

Tem adolescente que chega em casa brigando com a mulher, corre atrás da mulher pra bater nela; ela foge pro mato com os filhos. Como ele não consegue bater na mulher, ele vai e mata o cachorro. No outro dia a esposa contou o que aconteceu, falou “Olha, você quase me mata, correu atrás de mim, aí você voltou e matou o cachorro. Ele respondeu que não viu nada o que fez, mas não vai fazer mais, vai ficar mãy. Quando você mata sua esposa, o parente dela mata você, aí você vê né, cachaça só traz problema pra família, pra aldeia e comunidade também.

Figura 6: Desenho por Roberto Maxakali. (Violência na família)

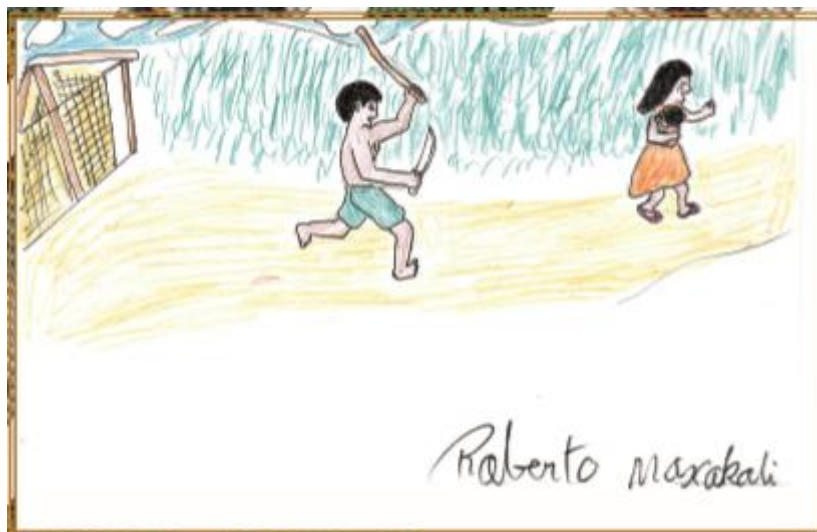


Figura 7: Desenho por Lorival Maxakali. (Violência contra os animais)



PROBLEMAS SOCIAIS: NAS ALDEIAS E COMUNIDADES DE QUEM BEBE

Por causa da bebida os adolescentes não querem mais aprender as coisas da cultura, dos yamiyxop. Aldeia que acontece a religião feminina, é muito segredo, se tiver bebida para (Yamihex), aí já não dança, só traz comida para as mães. Quando bebe, faz coisa ruim, bota fogo na aldeia, aí não vê o que fez no dia seguinte.

A mulher grávida quando ganha bebê, ela e o marido ficam de resguardo. Algumas pessoas que fazem festa e os dois vão juntos para festa, chegando lá o dono de festa dá kaxmuk para eles beberem, aí os dois de resguardo tomaram kaxmuk e aí já

começa a acostumar a beber kaxmuk no resguardo. Isto não pode ne? É muito perigoso!

PROBLEMAS SOCIAIS: NOS RELACIONAMENTOS DE QUEM BEBE

Nos dias de festas, adolescentes rapazes bebem e não encontram namorada porque ficam feios, agressivos e as moças tem medo dos homens paptux.

Quando eu era adolescente, eu jogava bola, mas jogava muito bem. Naquela época eu arranjei uma namorada também adolescente; mas ela hoje não está mais comigo. Quando eu bebia depois do futebol e me machucava, minha namorada não cuidava de mim porque eu estava paptux; aí ela foi procurar outro adolescente menino e não ficou preocupada comigo, que era o namorado dela.

O branco está vendendo cachaça para jovem na cidade e aí a esposa está esperando né, aí ela fica com raiva, porque ela não gosta que o marido bebe.

Figura 8: Desenho por Raimundo Maxakali. (Problemas no relacionamento)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das narrativas apresentadas pelos Maxakali, torna-se possível descrever, sob o ponto de vista nativo, quais são as principais situações e os comportamentos tidos como problemas frente ao uso de bebidas alcoólicas, que vão além do período da adolescência. É possível se observar que o contato com situações de uso de bebidas alcoólicas os acompanha desde o nascimento até a fase adulta e os acomete com problemas tanto no nível individual, os expondo a situações de risco e vulnerabilidade, quanto nas suas relações sociais, envolvendo a família e sua comunidade.

Essas informações constituem-se como fundamentais para a compreensão dos aspectos cotidianos que envolvem a forma como se dá o uso de bebidas alcoólicas entre os Maxakali, bem como revela os problemas ocasionados por este uso.

Dessa forma, torna-se possível, utilizá-las como norteadoras para a elaboração de estratégias de prevenção de agravos e promoção de saúde a serem adotadas pelos profissionais, sobretudo da área da saúde, que atuam diretamente nos territórios Maxakali e na RAPS.

Outro ponto de suma importância relatado neste trabalho, diz respeito a como o uso de bebidas alcoólicas está intimamente ligado à questões que se referem à cosmologia Maxakali, evidenciando a necessidade de se elaborar um treinamento que trate de questões relacionadas à antropologia para os profissionais que prestam assistência a esses indígenas, contribuindo assim, para a construção de intervenções de saúde para (e com) os Maxakali.

Dado à falta de material educativo para o trabalho nas aldeias, as informações colhidas durante a oficina podem ser utilizadas para a confecção de um material com conteúdo culturalmente adaptado à realidade Maxakali e dessa forma, auxiliar no desenvolvimento de atividades de educação em saúde nas UBS, escolas e nos espaços sociais.

Para tanto, faz-se necessário a elaboração de projetos contínuos entre os distintos órgãos e instituições que atuam nos territórios Maxakali, (SESAI, FUNAI, Governo Estadual e municipais por meio de suas secretarias, Universidades, dentre outros), com

investimento financeiro destinado à formulação de ações intra e interinstitucionais, que além das ações de assistência à saúde já desenvolvidas, promovam também o resgate das terras degradadas, a recuperação das nascentes, da fauna e da flora locais, envolvendo a participação dos indígenas no processo de melhoria de sua condição de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvares, M.M. Yãmiy, os espíritos do canto: a construção da pessoa na sociedade Maxakali. Campinas: UNICAMP, 1992. 227p. (Dissertação de Mestrado).
- Assis, E.M, et al. "Prevalência de parasitos intestinais na comunidade indígena Maxakali, Minas Gerais, Brasil, 2009." (2013).
- Boyatzis, R. Transforming qualitative information: thematic analysis and code development. Thousand Oaks, CA: Sage Publications; 1998.
- Carlini, E. A. II Levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil - 2005. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas/CEBRID. Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP, 445, 2006.
- Corral-Verdugo, V. "Psicologia Ambiental: objeto," realidades" sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento." *Psicologia Usp* 16.1-2 (2005): 71-87.
- Fernandes, J.A. Selvagens Bebedeiras: Álcool, embriaguez e contatos culturais no Brasil Colonial. Tese (Doutorado em História). Curso de Pós Graduação em História. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004.
- Guimarães, L. A., & Grubits, S. (2007). Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 45-51.
- Langdon, E.J.M. O que beber, como beber e quando beber: o contexto sociocultural no alcoolismo entre as populações indígenas. In: Anais do Seminário sobre Alcoolismo e Vulnerabilidade às Dst/Aids entre os Povos Indígenas da Macroregião Sul, Sudeste e Mato Grosso do Sul, Brasília, 2001.
- Langdon, E.J.M. O abuso de álcool entre os povos indígenas no Brasil: uma avaliação comparativa. p:27-46. 2013. In: Souza, M.L.P. Processos de alcoolização indígena no Brasil: perspectivas plurais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2013, 252p.
- Marcato, S.A. O indigenismo oficial e os Maxakali (séculos XIX e XX). In: Rubinger, M.M.; Amorim, M.S.; Marcato. Índios Maxakali: resistência ou morte. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.
- Menendez, E.L. El proceso de alcoholizacion: revision critica de la producion socioantropologica, histórica y biomédica en America Latina. Cuaderno de la Casa Chata, v.57, p.61-94, 1982.
- Nimuendajú, Curt. "Índios machacari." *Revista de Antropologia*. p. 53-61, 1958.
- Pena, J.L. Os índios Maxakali: a propósito do consumo de bebidas de alto teor alcoólico. In: Souza, M.L.P. Processos de alcoolização indígena no Brasil: perspectivas plurais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2013, p:143 – 158.
- Popovich, F.B. A organização social dos Maxakali. 1980. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade do Texas, Arlington, 1980.

Ribeiro, R.B. Guerra e paz entre os Maxakali: devir histórico e violência como substrato da pertença. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008, 200p. (Dissertação de Doutorado).

Rubinger, M.M. Maxakali: o povo que sobreviveu – Estado de fricção interétnica em Minas Gerais. In: Rubinger, M.M.; Amorim, M.S.; Marcato, S. Índios Maxakali: resistência ou morte. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

Souza, J.A; Oliveira, M. e Kohatsu, M. O uso de bebidas alcoólicas nas sociedades indígenas: algumas reflexões sobre os Kaingang da bacia do rio Tibagi. Paraná. In: Coimbra, C; Santos, R e Escobar; A.L. (Orgs) Epidemiologia e Saúde dos Povos Indígenas do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

Souza, M.L.P. Processos de alcoolização indígena no Brasil: perspectivas plurais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2013, 252p.

Souza, M.L.P., Garnelo, L. Desconstruindo o alcoolismo: notas a partir da construção do objeto de pesquisa no contexto indígena. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., ano.IX, n.2, p:279-292, jun/2006

Tugny, R.P.A. Relatório parcial do plano de ação em saúde para o povo Maxakali. Belo Horizonte 2007. Mimeografado.

Turato, E.R. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

Warschauer, C. Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. In: Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna (org. Beatriz Scoz et al.), Petrópolis: Vozes, pp. 13-23, 2004.